

Livros



José Braga

«Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal»,

Tinta da China, 2021, 4 volumes, coordenação geral de Ana Simões e Maria Paula Diogo.

ISBN 978-989-671-596-0

Esta obra em 4 volumes dá uma visão da importância que as ciências, tecnologia e medicina tiveram na construção de Portugal. Dá visibilidade à História da Ciência, compila estudos sobre a área, tornando-os acessíveis ao público em geral, e atenua o alheamento que a História dá ao papel da ciência tecnologia e medicina na História nacional.

Reúne 86 estudos de 81 autores sob coordenação geral de Ana Simões, professora catedrática de História das Ciências na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, tendo sido presidente da Sociedade Europeia para a História da Ciência, e Maria Paula Diogo, professora catedrática de História da Tecnologia e Engenharia na Nova *School of Science and Technology* que já foi galardoada com a medalha Leonardo da Vinci da Sociedade para a História da Tecnologia.

No volume 1, «Novos Horizontes: séc. XV-XVII», transmitem-se as linhas de força que nortearam o desenvolvimento das ciências em Portugal e principais preocupações e temáticas que mereceram mais atenção por parte dos historiadores. Defende-se que o peso que a ciência moderna adquiriu na História das Ciências em Portugal está ligado ao lugar cimeiro que o saber prático possuiu nos estágios iniciais de construção do império português. A exploração de novos territórios originou práticas científicas inovadoras, novos conhecimentos e novos espaços de conhecimento. É no campo dos problemas práticos da expansão que primeiro se encontram sinais de modernidade, a «*early modern science*».

Esta ideia é bem sintetizada num capítulo mais historiográfico por António Sanchez e Henrique Leitão,

«O Mundo Ibérico e a Ciência Moderna: uma Mudança de Narrativa». Os autores demonstram como no século XX ocorreu uma anglicização progressiva do discurso em História da Ciência focando-se nos acontecimentos ocorridos na Reino Unido e Europa central, uma redução temática e valorização nacionalista quanto ao surgimento da ciência moderna, visão que deve ser discutida.

Os historiadores das ciências já perceberam que existem elementos sociais, económicos e institucionais a ser tidos em conta, não se preocupando apenas com as ideias, método e teorias científicas, mas também as condições em que a ciência é criada, as instituições, comunidades, espaços, objetos e práticas, surgindo uma história polifónica.

A ciência ibérica está ligada à formação de uma nova imagem do mundo, fundação de rotas marítimas, criação de novas economias mundiais e a mobilização de novas formas de organização profissional. O elo entre a ciência ibérica e a modernidade estabelece-se no desenvolvimento de tecnologias náuticas, contacto com a novidade, a existência de um certo experimentalismo e o surgimento de uma nova mentalidade baseada na aquisição de conhecimentos por meio da experiência.

Com efeito, a construção de conhecimento sobre o mundo natural aconteceu em grande escala no século XVI. Surgiram movimentos de recolha e gestão de informação sobre o mundo natural e novas instituições; nestas dinâmicas participaram várias classes sociais. Também ocorreu a renegociação de formas de autoridade sobre o conhecimento da natureza. Surgiram novos profissionais, procedimentos e artefactos. Estas atitudes serviram de modelo para outros países, surgindo uma nova maneira de fazer ciência.

No segundo volume, «Razão e Progresso: Séc. XVIII», ex-

ploram-se os trânsitos das ciências, tecnologia e medicina no império setecentista português, identificando atores, grupos e redes. O Iluminismo tem relevância por tratar-se de um período histórico em que algumas propostas filosóficas, políticas e culturais são ainda assumidas como herança. É o caso da secularização que trouxe a autonomia da razão crítica a todos os domínios do conhecimento. As ciências passaram a ser encaradas como processos cultural, ideológica e socialmente marcados. Forçaram a entrada de práticas experimentais na academia, surgiram novas áreas disciplinares (eletricidade, química). Os cientistas corporizaram uma nova elite de aconselhamento à governança.

Em Portugal, este período deve a sua especificidade ao facto de se tratar de um país católico, de posição periférica face à Europa, mas com uma centralidade colonial. O mecenato e centralização da coroa absolutista foi fundamental, tal como os estrangeirados, articulando-se com um discurso tecnocientífico novo, vinculado a programas de modernização assentes numa visão utilitária das novas ciências, agenda modernizadora mais visível no período pombalino.

Estas características notam-se no capítulo «Astronomia, Cartografia e Demarcação de Fronteiras» por Luís Tirapicos. A descoberta de minas de ouro no Brasil no século XVII, tornou premente o conhecimento geográfico desse território,

particularmente a demarcação de fronteiras. A coroa solicitou à companhia de Jesus matemáticos qualificados e pretendia recolher informações com a finalidade de organizar a administração do território recorrendo a novos instrumentos e práticas científicas (a astronomia de precisão). A rede diplomática foi mobilizada para recrutar matemáticos e geógrafos e encomendar os melhores instrumentos. Os critérios de recrutamento de especialistas nas comissões de demarcação eram políticos, científicos e religiosos. O desconhecimento dos territórios deixou espaço para a negociação política entre os representantes das coroas ibéricas. A reforma da universidade de Coimbra e a criação da Academia das Ciências permitiram um enquadramento institucional novo à realização de expedições científicas, usando agora técnicos portugueses formados em Coimbra. (continua)



«Relatividade restrita»

Edições Silabo, 2021, Luís Rodrigues Costa

ISBN 978-989-561-193-5

Paulo Crawford

Professor agregado aposentado da FCUL e investigador do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço da UL.

“Relatividade Restrita, Crónica de uma visita guiada”, editado pelas Edições Silabo, e da autoria do Luís Rodrigues da Costa, engenheiro de Minas (IST), Quadro Superior do Ministério da Economia, aposentado.

Logo na capa, e como subtítulo, o autor esclarece que se trata de “Um diálogo entre amigos sobre Encontros no Espaço e no Tempo e no Espaço-Tempo”. Em suma, trata-se

de um livro que descreve como um grupo de amigos se decidem reunir para estudar e compreender a teoria da relatividade restrita de Einstein, ou seja, a sua eletrodinâmica dos corpos em movimento, aqui apresentada por um deles, o Tomás, na sua qualidade de professor universitário de história da ciência.

Na apresentação do livro, o autor sustenta que o seu texto é, fundamentalmente, uma reflexão pessoal sobre múltiplos aspetos da teoria restrita